

Empresa e produção da identidade

Pode parecer estranho colocar a questão da identidade dos grupos e dos indivíduos num contexto de produção económica onde existe a tendência para não se falar senão de técnica, investimento, organização e clientes. E contudo o desenvolvimento do mercado numa economia mundializada, obriga as empresas a procurar nos recursos humanos um acréscimo de competências individuais e de capacidades de mobilização e de regulação colectiva para construir uma nova vantagem competitiva na concorrência global. Com o desenvolvimento das práticas de gestão de recursos humanos, os sociólogos defrontam agora uma questão relativa a um novo tipo de problema social na produção. Não se trata tanto de reparar as misérias individuais pela assistência social como no tempo do Paternalismo, ainda que os problemas do desemprego tendam a fazer ressurgir esta questão social antiga. Não se trata já de procurar unicamente os modos de negociação com os sindicatos para repartir os benefícios económicos e sociais das empresas, como na época do Taylorismo e do grande crescimento. A questão actual é agora a da elucidação das regras sociais entre os actores directamente encarregados da produção nos ateliers, nos escritórios, nos laboratórios ou nos gabinetes de estudos. Como criar a coesão social suficiente que torne produtiva e competitiva cada situação de trabalho? Não basta, aqui, ficarmo-nos pela observação das temperaturas e dos ventos do clima social, uma vez que esta realidade das relações directas entre produtores de todos os níveis e de todos os meios técnicos não se detecta nos indicadores de crise e de mal estar. É preciso compreender mais profundamente o que constitui a força dos grupos, como os indivíduos constroem as referências sociais no trabalho, sobre que valores se apoiam para orientar os seus próprios esforços e sobre que grupo de pertença podem apoiar a sua história e a visão do seu futuro.

É aqui que os sociólogos devem estudar as identidades colectivas que se afirmam, se produzem e se desenvolvem na vida de trabalho em organização. As nossas próprias pesquisas e as de numerosos colegas em França e no mundo ocidental (Hofstede, Segrestin, Dubar, Alter, Filion) revelaram a existência e o papel das identidades no trabalho, bem como

o seu processo de produção nas relações de poder, nas experiências de mobilidade, de comunicação e de formação de adultos, características das empresas contemporâneas.

As pesquisas efectuadas em Portugal, na mesma linha, por Duarte Pimentel e a sua equipa, fornecem elementos importantes para compreender esta regulação identitária no contexto actual das empresas portuguesas. É uma pesquisa original que confirma algumas das novas vias da investigação em sociologia da empresa que, para se tornar acessível à prática profissional, se deve apoiar em fortes comparações europeias.

Renaud Sainsaulieu
Paris, Fevereiro 1996